

O TEATRO COMO LINGUAGEM E FONTE NO ENSINO DE HISTÓRIA

CLÁUDIA PEREIRA VASCONCELOS*

*A arte mais importante do mestre,
é provocar a alegria da ação
criadora e do conhecimento.*
Albert Einstein

Um começo de conversa

Ainda como estudante do curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual da Bahia - UNEB (Campus IV – Jacobina), realizei, em 1996, uma pesquisa de conclusão de curso intitulada: *Saber e Prazer: a utilização do teatro no ensino de História*. Naquele momento já era professora de História na Educação Básica e participava de um grupo de estudos (com breve duração) de atores/professores de História que discutia, a partir das suas experiências, a possibilidade do uso do teatro no ensino de História, suas implicações e resultados. Naquele período, quando o currículo de licenciatura dedicava pouquíssima carga horária a discussões de natureza pedagógica e o estágio era realizado apenas no sétimo semestre, já sentíamos uma grande necessidade de espaços que refletissem questões metodológicas/práticas de ensino na formação do professor.

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/96), que altera concepções de formação de professores, foram realizadas reformulações curriculares em todo o Brasil, pensadas, inclusive, com o intuito de diminuir a velha dicotomia existente entre os cursos de bacharelado e licenciatura. Essas mudanças proporcionaram uma inegável ampliação dos espaços para discussões e experimentações da prática pedagógica, quando foi expandida a carga horária do Estágio Supervisionado, bem como incluído o componente curricular Laboratório de Ensino de História, que acontece durante todo o curso, desde o primeiro semestre².

* Historiadora, atriz, especialista em Arte-educação, mestre em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar de Pós Graduação da UFBA e Professora Auxiliar da UNEB – Campus IV.

² Refiro-me especificamente as mudanças ocorridas no currículo de História da UNEB, referendadas pelas Resoluções 01/2002 e 02/2002 do Conselho Nacional de Educação (CNE) e pelo Parecer do

A nosso ver, essas mudanças curriculares aliadas a disseminação de novas correntes historiográficas, especialmente do campo da Nova História Cultural, bem como as discussões geradas em torno da implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, representam um significativo avanço nos cursos de licenciatura. Apesar disso, não é difícil perceber que, mesmo entre os profissionais da área de História que se dedicam ao estudo de questões didático-pedagógicas, as práticas criativas ou a discussão sobre o uso de linguagens artísticas no ensino de História ainda é algo embrionário, particularmente, o trabalho com teatro.

Desta forma, o estudante de Licenciatura em História, futuro ou experiente professor, ao longo do seu curso, mesmo envolvido por uma gama de leituras acerca da realidade do ensino de História, bem como em contato com uma vasta produção historiográfica que o ajuda a pensar conceitualmente a sua prática educativa, em geral, não consegue avançar na sua concepção metodológica e tem dificuldades em realizar uma prática pedagógica que atraia e mobilize o seu público participante. Constata-se que há, por parte das Universidades responsáveis pela formação de professores, uma limitação em possibilitar novas formas de aprendizagem que levem em conta, tanto a criatividade na produção do saber, quanto a relação entre o que se produz na escola/academia e o que se produz como cultura, na comunidade onde vivem os estudantes.

Geralmente é na etapa final do curso, a partir do Estágio de Regência, quando se realiza um balanço acerca de como o curso contribuiu para a atuação direta, em sala de aula, ou para uma prática pedagógica diferenciada, que o futuro professor levanta as principais questões e dilemas sobre o cotidiano escolar: como fazer com que o estudante se interesse pelo estudo da História; como promover uma aula participativa e envolvente; como aproximar os conteúdos históricos do cotidiano dos alunos e como estudar História com prazer?

Diante de tais inquietações e, a partir das minhas vivências como arte-educadora, atuando especialmente em espaços não formais de educação, me propus a experimentar

CNE/CES nº 1363/2001, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de História.

práticas criativas e artísticas na formação dos alunos-professores de História, visando contribuir com a ampliação das possibilidades metodológicas no ensino de História. Apresentarei, neste texto, uma das experiências realizadas nos últimos quatro anos, quando me tornei professora de Estágio na Universidade Estadual da Bahia - UNEB.

A indissociabilidade entre forma e conteúdo

*Tão importante quanto o que
se ensina e o que se aprende
é como se ensina e como se aprende*
Cesar Coll

A arte, como um universo de expressões e transgressões, demonstra, ao longo dos séculos, que é possível transformar a vida humana a partir de uma mudança pessoal. A experiência estética favorece ao indivíduo o reconhecimento das diferenças, das semelhanças, dos contrastes e conflitos, possibilita múltiplas leituras, diferentes interpretações e dessa forma, vai nos permitindo assumir uma atitude criativa diante da vida. A arte sempre propõe a (re)significação da realidade.

O teatro é uma arte milenar que proporciona através da representação um diálogo universal a partir da emersão de questões pertinentes a humanidade. Partindo do pressuposto de que estudar História é realmente uma tarefa difícil, pois exige de quem o faz uma postura crítica, certa disciplina intelectual e acima de tudo vontade, percebemos que o nosso papel como professor é importantíssimo no sentido de despertar o interesse e a análise crítica da História. Neste sentido, faz-se necessário construir novas pontes de comunicação com os estudantes, utilizando o corpo, os sentidos como meio de aprendizagem.

Ao longo do tempo as formas teatrais, gêneros e estilos foram se multiplicando, bem como os seus objetivos. No entanto, pelo menos, dois aspectos permaneceram singulares a todos eles: o conflito e a necessidade de representação da humanidade, ambos fundamentais para o pensamento histórico.

O conflito é a essência da obra teatral, ele pode aparecer tanto como questão interna do personagem quanto como questão de uma coletividade ou mesmo do indivíduo em relação ao coletivo. Sobre esse movimento efusivo do teatro Touchard afirma que:

O teatro é antes de tudo um diálogo, isto é, a oposição de duas convicções. A ação nasce desta oposição. (...) Deste movimento de afirmação e de negação que é o próprio movimento da vida, e que só a morte faz parar dentro de nós. (1970, p. 143).

É esse jogo dialético que leva o espectador/indivíduo a se envolver na trama e pensar soluções para transformar o que lhe angustia. Neste sentido, o teatro, enquanto forma de expressão das representações do indivíduo em sociedade, possibilitará olhar para o passado ou questionar o presente a partir daquilo que é posto em cena.

Desta forma, o trabalho com teatro na escola, assim como outras formas de expressão artística, é uma interessante alternativa na construção de uma nova filosofia para a educação. Utilizar-se do teatro como linguagem pedagógica é conduzir o aluno ao processo de autonomia na construção do conhecimento e principalmente, construí-lo de forma prazerosa, gerando interessantes situações de aprendizagem.

Não basta termos uma concepção de educação e de ensino de História avançados do ponto de vista teórico, é fundamental que busquemos uma coerência entre essa concepção que se supõe avançada e a forma como trabalhamos em sala de aula, como vemos e lidamos com as diferentes manifestações do saber presentes em qualquer sala de aula. Desenvolver uma prática que promova a indissociabilidade entre forma e conteúdo é urgente e necessário.

A proposta de trabalho apresentada a seguir, em nosso entendimento, poderá contribuir para um alargamento temático e metodológico do ensino de História, porque, além de ampliar os recursos didáticos e pedagógicos, permitirá que o campo relativo aos estudos históricos seja repensado, contribuindo, mesmo que em pequena escala, para a transformação dos parâmetros utilizados por nossa sociedade para definir o que pertence à História.

O Teatro como linguagem e fonte... Um relato de experiência

A experiência aqui apresentada foi realizada em forma de oficina, com duração de 40 horas³, com uma turma de estudantes de História do PROESP – Programa de Formação de Professores da Rede Estadual de Ensino da Bahia⁴ - UNEB Campus V, na cidade de Santo Antônio de Jesus, Recôncavo baiano.

O grupo formado por 32 cursistas é composto em sua maioria por mulheres, tendo em média mais de 30 anos. A maior parte da turma já possuía uma longa experiência com educação, sendo em sua maioria professores de História.

A proposta se constitui em trabalhar o teatro no ensino de História levando em consideração, especialmente, duas dimensões que consideramos fundamentais no trabalho educativo: o **trabalho de corpo** e a **dramaturgia como fonte**.

Tendo em vista a permanência de uma total negação do corpo nos processos de ensino-aprendizagem do ensino de História, bem como na escola em geral, acreditamos ser fundamental a valorização do trabalho com os sentidos, do exercício da expressão corporal entendida como discurso, promovendo assim a ressignificação do indivíduo como ser integral. Nesta proposta, o trabalho de corpo visa possibilitar a vivência de processos criativos através de improvisações/criação de cenas, alongamento, jogos teatrais e brincadeiras geralmente trazidas das experiências infantis dos participantes, bem como do trabalho com esquetes⁵, a partir de temas da História.

Além da compreensão da importância do corpo como fonte de conhecimento, optamos por trabalhar a **dramaturgia como fonte**, tendo em vista que as novas abordagens historiográficas, influenciadas, especialmente, pelo campo da Nova História Cultural,

³ É importante ressaltar que essa oficina denominada: *O teatro como linguagem e fonte no ensino de História* tem sido reeditada para outras turmas de estudantes de História, em formato de mine-curso ou oficina com menor duração.

⁴ O PROESP tem como objetivo melhorar a qualidade do ensino na Bahia, fazendo com que os docentes se atualizem nas suas respectivas áreas, através de cursos de graduação com duração de três anos.

⁵ A palavra "esquete" vem do termo inglês Sketch muito utilizado no teatro para se referir a pequenas peças ou cenas dramáticas, geralmente com menos de dez minutos de duração.

ampliaram a compreensão e utilização de fontes históricas tanto no campo da pesquisa quanto na área de ensino. Neste sentido, o trabalho com a literatura dramática possibilita uma aproximação com diferentes imaginários e sociedades, uma vez que o texto teatral constrói um discurso sobre a realidade de uma determinada época e lugar, como qualquer outro documento produzido em diferentes instâncias. O que o distingue dos demais é a sua linguagem estética, requisito imprescindível para que este se apresente como tal.

No geral, os conteúdos teóricos e práticos da oficina foram trabalhados através de aulas expositivas e participativas, leitura de imagens e textos, interações lúdicas, produção textual, jogos teatrais e etc. Sendo também realizadas atividades de fomento à educação estética a partir de estudos, do fazer, da apreciação artística e da contextualização histórica das produções culturais.

Para tanto, a oficina foi dividida metodologicamente em cinco momentos distintos e complementares. O primeiro deles funcionou como um convite ao universo teatral através do corpo. Já de início, após pactuarmos os acordos iniciais, destacando entre eles a disponibilidade do trabalho corporal e o trabalho conjunto, foram realizados alongamentos, esquentamentos, exercícios de respiração e de voz, jogos e brincadeiras que possibilitam descontração, confiança, concentração, interação e funcionam como uma sensibilização para discutirmos a relação dos participantes com a arte e aguçar as memórias da infância (as brincadeiras, cantigas e o fazer artístico dentro e fora da escola). Neste momento, realizamos uma discussão introdutória sobre os conceitos de Arte-educação, de Teatro-educação e uma breve história do teatro como forma de representação do real na história da humanidade.

No segundo momento provocamos uma discussão sobre a realidade escolar através de jogos do universo do Teatro do Oprimido⁶. Trabalhamos com algumas técnicas inspiradas no teatro-imagem e no teatro-fórum. Este exercício consistiu na montagem de

⁶ O Teatro do Oprimido (TO) é um método teatral elaborado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais. Os seus principais objetivos são a democratização dos meios de produção teatrais e a transformação da realidade através do diálogo no teatro. Partindo da encenação de uma situação real, estimula-se a troca de experiências entre atores e espectadores, através da intervenção direta na ação teatral.

uma espécie de fotografia moldável ou estátua viva que represente a resposta a uma questão. No nosso caso lançamos as seguintes questões: Grupo 01 - Qual escola nós temos? Grupo 02 - O que oprime o professor? Após breve discussão paralela nos grupos, ambos chegam a uma imagem que será representada pelos participantes. O grupo 01 apresenta a imagem viva e o grupo 02 tenta decifrar o que aquela fotografia quer dizer. Após debate (apenas entre os participantes do grupo 02) instigado pelo coordenador do trabalho, lança-se a questão: o que nós mudaríamos para chegarmos a escola que queremos? Os participantes do grupo 02 opinam e o coordenador sugere que eles remontem a fotografia, moldando os corpos dos participantes do grupo 01. Simboliza-se a transformação da realidade com os atores sociais entrando em cena e promovendo a mudança, não apenas opinando de fora. O mesmo método é realizado com o grupo 02. Fechamos este momento com um debate sobre educação, transformação, papéis sociais, etc.

Após a experimentação dessas técnicas realizamos uma exposição dialogada sobre o Teatro do Oprimido, destacando sua origem, seu criador, os objetivos, alcance da obra/método e possibilidades de utilização em sala de aula. Também foram apresentados importantes autores da área de arte-educação no Brasil a exemplo de Ana Mae Barbosa, João Francisco Duarte Júnior e Ricardo Japiassu.

No terceiro momento, foi realizado um trabalho introdutório sobre o campo da dramaturgia (formas, estrutura do texto dramático, análise do texto teatral, diferentes dramaturgos e etc) e em seguida uma exposição sobre a dramaturgia como fonte histórica. Após esse diálogo, foi apresentada a proposta de trabalho com duas obras dramáticas, sendo uma brasileira e outra estrangeira, ambas consideradas clássicas na história do teatro.

Desta forma, um grupo trabalhou com a obra brasileira *O Rei da Vela* de Oswald de Andrade, escrita em 1933, que retrata a chamada Revolução de 1930 ou Período Vargas e o segundo grupo com a obra *Casa de Bonecas* do norueguês Henrik Ibsen, escrito em 1879, que traz a tona questões referentes a condição feminina na Europa do século XIX.

Após contextualização das obras, os textos dramatúrgicos foram lidos sem nenhuma entonação dramática, o que chamamos de “leitura branca” visando a compreensão do texto: conteúdo, contexto, personagens, trama e etc. É importante ressaltar que para a realização desse trabalho foi preciso dedicar um tempo maior a este terceiro momento, pois os textos citados são longos, sendo necessário muita atenção e distribuição de algumas cópias para o mesmo grupo, para que não haja dispersão.

No quarto momento, realizamos a preparação e apresentação da Leitura Dramática. Para isso, cada grupo deveria escolher uma cena do texto dramático que retratasse bem a obra ou destacasse os personagens centrais da trama. A leitura apresentada com entonação dramática deve ser ensaiada com antecedência, porém, não é necessária a memorização das falas. Como o próprio termo diz, será uma leitura dramática, onde sentados em frente a turma (espectadores), o grupo apresenta a leitura da cena e em seguida é aberto um debate sobre a obra, com destaque tanto para o conteúdo quanto para a forma, analisando como as mesmas podem ser trabalhadas na aula de História.

Após passear por essas dimensões do fazer teatral, pensamos como quinto e último momento da oficina a elaboração (em subgrupos) de um plano de trabalho/unidade utilizando o teatro como possibilidade metodológica a partir de um conteúdo de História. Os grupos elaboraram propostas e em seguida apresentaram, suscitando debate sobre a questão.

O grupo se mostrou surpreso e ao mesmo tempo encantado com a riqueza das obras estudadas por eles. Tanto o texto *O Rei da Vela* quanto *Casa de Bonecas* suscitaram inúmeras idéias de trabalho com o teatro no ensino de História. Alguns participantes disseram já ter utilizado algumas técnicas teatrais, porém sem muita noção de como fazê-lo. Dentre as idéias citadas podemos destacar a possibilidade de analisar o contexto histórico da peça, em que ela foi escrita ou o período histórico o qual a mesma retrata; Também foi trazida a idéia de trabalhar com história temática: a questão da mulher em um determinado período ou sociedade, o negro na sociedade, a organização sindical no Brasil, etc. Para isso, sugerimos textos dramáticos a exemplo da própria obra de Ibsen trabalhada por nós (*Casa de Bonecas*) para pensar a questão da mulher, a obra *Eles não*

usam Black-tie de Gianfrancesco Guarniere para tratar a questão dos trabalhadores e organização sindical no Brasil, entre outras sugestões.

Além das propostas de trabalho, foram apontados possíveis resultados do trabalho com o teatro no ensino de História, pensados a partir da experiência ali vivenciada: desenvolver a criatividade, promover uma maior participação e integração da turma, revelar estudantes tímidos que se identificam com este tipo de trabalho, estimular o gosto pela leitura, possibilitar o trabalho interdisciplinar, entre outros. Os comentários foram feitos tanto como possibilidades e sugestões como em forma de depoimentos em uma roda de conversa para avaliação final do processo.

As falas mais comuns apontaram para a felicidade de poder fazer arte, visto que os professores acabam se esquecendo do seu lado pessoal e da necessidade de falar de si, de se olhar, de estarem mais próximos uns dos outros. Foi trazido pelo grupo que o curso (PROESP) por ser intensivo, tem sido muito puxado para eles que ainda estão em sala de aula e que a oficina promoveu momentos prazerosos, divertidos e relaxantes, sendo muito proveitoso do ponto de vista metodológico. Frases como as seguintes podem trazer um pouco da sensação do grupo:

“O curso nos aproximou mais uns dos outros, aqui tem pessoas que não tinha uma proximidade e agora pude vê-las de outra forma”.

“Precisamos nos contagiar com a energia dessa oficina e levar mais alegria para a nossa escola, já que é lá que estamos todos os dias”.

“O curso nos ajudou a lembrar que a gente também é gente, cheio de vida, não só os alunos precisam de momentos de prazer na escola, é fundamental termos mais momentos alegres e prazerosos”.

A partir das declarações dos professores e da recepção positiva em mine-cursos realizados a partir dessa experiência, é possível afirmar que a utilização do teatro no ensino de História aponta possibilidades positivas na construção de novas pontes de comunicação com os estudantes.

Considerações Finais

Em linhas gerais, podemos dizer que apesar do racionalismo ainda está arraigado no currículo escolar é preciso dar espaço a novas possibilidades de relações pedagógicas, especialmente no ensino de História, objeto em discussão, visto que o mesmo ainda se caracteriza por privilegiar a aprendizagem meramente intelectual, fazendo com o processo discursivo predomine.

Ampliar o olhar sobre as fontes históricas, bem como incorporar diferentes linguagens no processo educativo são desafios para a transformação do espaço escolar em um ambiente alegre e produtivo. Desta maneira, o trabalho com o teatro poderá nos dá interessantes pistas e estímulo para continuarmos a busca pela construção de um conhecimento escolar que contribua para a sensibilização dos alunos e conseqüentemente da sociedade.

Encontramos no teatro um dos caminhos mais adequados e prazerosos para o estudo e a pesquisa histórica, pois o trabalho com as representações sociais a partir da construção de cena ou do texto dramático possibilita uma aprendizagem significativa, exige do estudante um aprofundamento do conteúdo e da contextualização do que se está montando/encenando, além do trabalho com técnicas teatrais que envolve a turma e ao mesmo tempo desenvolve a oralidade, a integração de grupo, aguça a criatividade, desperta o gosto pelas artes, promove o acesso a produções artísticas de dentro e de fora do Brasil, bem como de diferentes épocas. Desta forma, o saber pode ser partilhado e absorvido com sabor na prática do dia a dia. Afinal a História é feita de cores, de paixões e de odores, sensações que sem dúvida não podem ser captadas unicamente pelas faculdades mentais.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Oswald de. **O Rei da Vela**. São Paulo, Globo. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1991.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BRASIL/MEC/SEF (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais – História e Geografia.**

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas.** 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1992.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo.** São Paulo: Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

DUARTE, Jr., João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1986.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História.** 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

IBSEN, Henrik. **Casa de Bonecas.** (Tradução Cecil Thiré). São Paulo: Nova Cultural, 2003.

PALLOTTINI, Renata. **O que é Dramaturgia.** São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 2005.

PEACOCK, R. **Formas da Literatura Dramática.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.

PINHEIRO, José Gledson da Rocha e RODRIGUES, Stella. **Linguagem e práticas no ensino de História.** Salvador: Quarteto, 2006.

SILVA, Marcos A. da. **História: o prazer em ensino e pesquisa.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

TOUCHARD, Piérre-Aimé. **O teatro e a angústia dos homens.** (Trad. Pedro Paulo Sena Madureira e Bruno Palma). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.